

Folha de S. Paulo

13/1/1985

Clima de violência retorna a Guariba

Cláudio Paiva

Agravou-se consideravelmente no dia de ontem a situação em torno da greve dos trabalhadores volantes da região de Ribeirão Preto, cerca de 400 Km de São Paulo. Durante a madrugada o contingente da Polícia Militar foi substituído por tropas do Batalhão de Choque, vindas de São Paulo. As primeiras horas da manhã, Guariba estava sitiada, e seus habitantes viveram um clima de guerra, nos momentos de maior tensão desde o início do movimento, no último dia 4. Houve confrontos generalizados entre grevistas e a PM, os quais fizeram com que a situação ficasse absolutamente fora de controle das lideranças. Procurado pela reportagem para se pronunciar sobre os fatos, o coordenador dos Sindicatos Patronais da região, Joaquim Augusto de Azevedo Sousa, não foi localizado na sede de sua entidade.

Às 5h30 a rodovia José Corona, que liga a cidade à estrada para Ribeirão Preto e demais municípios, foi bloqueada por uma viatura da Polícia Rodoviária, que interceptava todos os veículos, ônibus, caminhões ou automóveis, até mesmo os de residentes em Guariba. Esta operação foi mantida por várias horas, período em que, na cidade efetivos da Polícia Militar tentavam dispersar os piquetes de trabalhadores, formados desde às 4h30.

O primeiro incidente ocorreu às 5h40, quando o padre Domingos Braghetto, 35 anos, coordenador geral da Comissão Pastoral da Terra, que se encontrava em um dos piquetes, foi violentamente espancado. O padre foi agredido a golpes de cassetete nas costas e na cabeça, tendo sofrido diversas escoriações. O Batalhão de Choque também lançou bombas de gás lacrimogênio contra os piqueteiros.

Pouco depois o padre encontrou-se com o secretário Geral da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Osvaldo Bargas, e o presidente do não oficializado Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba. José de Fátima e, juntos, foram ao destacamento da PM da cidade, onde travaram um ríspido diálogo com o comandante da operação em Guariba, major Luís Fábio Guimarães da Fonseca, 43 anos, do 13º BPM/I, de Araraquara.

Momentos depois, por volta de seis horas, os policiais do Batalhão de Choque dirigiram-se ao bairro de João de Barro, onde residem cerca de dois mil bóias-frias, 50% dos quais desempregados. O piquete ali formado foi dissolvido com extrema violência, conforme testemunhou a reportagem da Folha. Contra os cerca de 50 piqueteiros, os PMs, portando escudos e cassetetes elétricos, jogaram bombas de efeito moral. O piquete foi dissolvido e três de seus integrantes — o padre Domingos Braghetto, Osvaldo Bargas e o sindicalista José de Fátima, foram violentamente espancados.

Com a dissolução do piquete, os grevistas concentraram-se em uma viela das proximidades, enquanto os policiais mantiveram-se por perto. Em clima de revolta, entretanto, os bóias-frias começaram a jogar pedras nos PMs, os quais responderam com bombas de efeito moral e de gás lacrimogênio.

Por volta de 6h40, sob o comando de um tenente, que não quis identificar-se, cerca de 120 policiais, incluindo os do Batalhão de Choque, avançaram por sobre as lideranças e grevistas, novamente com o uso da violência. Alguns bóias-frias refugiaram-se em residências, mas estas foram invadidas pelos soldados. Neste conflito a repórter fotográfica, Eliana Assumpção, da Folha, foi espancada com golpes de cassetetes na cabeça.

Por volta de nove horas, o efetivo policial foi engrossado com a chegada de cerca de mais quarenta PMs do Batalhão de Choque. Às 9h15m surpreendentemente, todo o efetivo policial foi retirado do "front", sendo encaminhado ao pátio de uma escola pública. Com isso, os grevistas se assenhorearam do local e fizeram barricadas na rodovia José Corona, utilizando-se de troncos. Em seguida, incendiaram parte do canavial da Usina São Carlos, anexa à rodovia, apedrejaram um caminhão pipa da Usina e dois ônibus da empresa Irmãos Ramazzini.

Pouco antes das 10 horas, um caminhão do Batalhão de Choque avançou sobre a barricada.

Ao meio-dia, em Ribeirão Preto, dirigentes da CUT disseram que, "o movimento está fora de controle".

(Economia — Página 1)